

Redacção e Administração:

RUA D. ANTONIO BARROSO, 63-1.º — BARCELOS

Director, proprietario e editor

Antonio Ballarín

Anuncios: linha 40 réis; repetição 30 réis

Assinatura: trimestre (12 numeros) .360 réis

## A proposito do 21 de Outubro

Esta é a primeira vez, no jornalismo, que nos é dado o ensejo de comentar as tristes e vergonhosas aventuras restauradoras dos realistas portugueses.

E' claro que da nossa penna não cairá a menor palavra de indulgencia para o acto criminoso que esses aliciados tresloucados intentaram pela terceira vez; nem o minimo gesto de comiseração pelos dirigentes do movimento, esses que, com a consciencia das responsabilidades, armaram muito braço inofensivo, só propenso ao bem, e malevolamente arrebanharam muita consciencia pura, e ávida de trabalhar no progresso e fortuna patrias.

Os aliciados praticaram um crime que não tem desculpa; mas metem dó, que victimas foram da sua ingenuidade. Os aliciadores—sobre esses deve cair o gladio implacavel da Justiça, em expiação das torrentes de odio que teem insuflado na familia portugueza pela pratica de factos consumados de rebelião armada, de descrédito capcioso das instituições republicanas, e politiquice tendenciosa junto das populações incul-tas cuja ignorancia exploram e canalizam para a revivescencia de um passado de oprobrio e ultrage nacional.

E porquê?

O paiz não é monarchico; o povo não odeia a Republica que ela não vai contra os seus sentimentos—ideal e odio que podiam explicar qualquer movimento realista, assim mesmo despido das circunstancias anti-patrioticas que revestem as recentes insurreições, e formalmente as condenam por lesivas da nacionalidade.

O paiz, a parte sã da sociedade portuguesa, a que pensa, trabalha e produz, é indifferente a regimens, aceita o estado politico actual como sintese de um futuro que seja a negação do passado para sempre liquidado em 5 de Outubro, e não cura saber de partidos—quere paz, quere ordem, clamando unisono pelo inicio de uma duradoura fase de reorganisação nacional pelo aproveitamento de energias vivas e latentes, da qual saia o Portugal moderno, o Portugal da civilisação hodierna, progressivo nas letras, artes e sciencias, e prospero nas suas numeras fontes de riqueza donde bem podem brotar, mercê de acurado labôr e tenaz persistencia, ininterruptas caudais de oiro.

O povo, das cidades, e dos campos, letrado, e iletrado, educado, e grosseiro, fanatico, e religioso ou ateu—anceia por viver em plena democracia, que em seu critério simplista deve unicamente tender a liberta-lo do jugo das oligarquias dominantes.

Escravidado sob o dominio de aviltantes opressões a do grande capitalista que o mata á fome reduzindo-o á miseria; a do monopolista que o suga até á medula roubando-lhe os magros proventos de um trabalho insano, e a saúde no pão que lhe fornece amassado em gesso; a do cacique que o avilta, servindo-se-lhe do voto para com ele traficar, e explorando-lhe a fraqueza e a ignorancia—o povo quere libertar-se, e no aneio de o conseguir ouve os seus amigos, e ouve tambem os especuladores, os farçantes que, o sensibilizam recordando-lhe a miseria, desvendando-lhe as dolorosas modalidades e tristes tran-ses da sua vida faminta...

Eis porque os conjurados realistas conseguiram arrebancar, aqui e além, creaturas de boa indole, miseraveis filhos do povo, arrastando uma vida toda cheia de privações e desalentos.

Donde se conclue que fômos, e somos nós, republicanos, quem preparamos o meio onde puderam, e podem me-

drar conspiradores e conspiratas, estas fomentadas e estes arrebatados por imorais serventuarios do antigo regimen que a Republica ao nascer devia ter preso ao pelourinho dos seus grandes crimes e delapidações.

Mas quê? A Republica acalentou-os; querendo ser generosa foi covarde—e ei-los ai estão; uns a investir contra ela, á força e com auxilio estrangeiro; outros acobertados no seio dos partidos, deturpando-lhe, a ela, os seus basilares fundamentos, pelo inocular do virus em que assentavam as clientelas monarchicas—enfim desacreditando a Republica aos olhos do mundo democratico.

Sim. A culpa pertence-nos.

Não foi a Lei da Separação do Estado das Igrejas quem criou descontentes. O povo que quere resar, pôde fazê-lo na mesma, que a religião pratica-se com igual liberdade e garantias. O clero era outra oligarquia que oprimia e dominava, de que o povo, felizmente, conseguiu libertar-se.

Não foram tambem as leis tributárias que contra elas somente protestaram os ricos, todos quantos deviam ser mais agravados, ainda.

O bom povo, esse pagou o seu tributo ao Estado com louvavel portualidade, exultando aquela parte que beneficiou de merecidas isenções.

O descontentamento tem outra origem.

A Republica, nos primórdios da sua existencia, devia ter inquirido do estado da governação publica, e descer aos concelhos, ainda os mais sertanejos, a inquirir tambem do modo como se administrava no regimen caído.

Devia destruir clientelas, quebrar dependencias, e mostrar ao povo, ao paiz, a forma como os partidos monarchicos geriam os negocios publicos, apontando e comprovando-lhes os erros e desperdícios, as falcaturas e roubos.

Devia principiar-se pela liquidação de responsabilidades—á revolução da rua havia fatalmente de succeder a revolução do poder pela destruição do caciquismo e expiação de crimes e imoralidades.

Depois, e só depois, a Republica atrairia a si todos quantos do antigo regimen saíssem incolumes na sua honra e conceito politico.

E feito isto, a Republica, então, podia começar a estudar e resolver os grandes problemas nacionais.

Mas o que fez ela? Lançou o manto de clémencia por todos os mariolões da politica monarchica, acarinhou-os, deu-lhes força e alento recebendo-os no seu seio com clientelas e nucleos formados—criou, em suma, conspiradores porque o povo voltou á antiga situação de oprimido e escravo, e falando-lhe ao coração, tocando-lhe na ferida, junto dele puderam especular os magnates do desconceituado realismo.

Se a Republica tivesse sido justiceira liquidando as responsabilidades dos defraudadores do Estado com inqueritos, sindicancias e investigações de variada natureza; se tivesse sido profundamente democratica inspirando-se no povo, descendo até ele a auscultar-lhe os pensamentos e reivindicações, a orienta-lo em ordem ao seu bem-estar e felicidade—não teriam sido possíveis conspirações.

E o regimen estava hoje consolidado porque dentro dele teriam logar as creaturas honestas que significativamente se retraem.

Será isto legitimar as tentativas de restauração monarchica; ou aceitar a existencia de conspiradores?

Não! Nenhum monarchico tem o direito de pegar em armas contra a Republica que ela não tem culpa dos desvarios dos seus servidões. O crime de conspirar contra as instituições é tremendo porque arrastaria Portugal á guerra civil e quem sabe se á perda da independencia.

Escrevemos com outro intuito e consiste em demonstrar que somos nós quem faz conspiradores, quem torna

possivel a influencia dos arrivistas monarchicos no bom povo portuguez.

Que se castiguem os insurrectos, que o governo e a Justiça sejam severissimos—sem duvida. Mas não basta prender, nem chega julga-los sem a menor sombra de piedade. E' preciso que a Republica volte á primeira forma, e faça agora, já que a não fêz em tempo oportuno, a Revolução do Poder—com um ministério nacional, abatidos os pendões partidários.

O momento é grave e só a Republica o resolverá sendo justiceira e democratica.

Poderá parecer extranho que assim fale quem está filiado no Partido Republicano Portuguez. Talvez estas palavras vão de encontro ás actuais conveniencias partidárias que se orientam agora no sentido do caciquismo.

Mas recorde quem puder o passado do partido e verá que nem um só apice nos afastamos dele.

O partido é que, infelizmente, vai esquecendo o seu passado.

## Respigando...

A POLITICA DA «FOLHA»

Sem termos a pretensão de grandes psicólogos, raro nos enganamos no juizo que formamos dos homens. A confirmação do assérto tivemos-la agora com o colega que redige a *semana politica da «Folha da Manhã»*.

Sobre ser uma excelente pessoa e devoto barcelense, mostra-se para mais um bom portuguez—dos de lei, como se usa disêr.

Mas com tais predicados que sobremaneira o honram, não quere disêr que achamos justificada a sua atitude politica, de praça assente nas fileiras monarchicas.

O redactor da *Semana Politica* labora em grande erro; ou a sua posição na politica portuguesa resulta de um equivooco.

Será a monarchia o regimen que melhor «convem aos interesses da Patria, desta Patria que tem de ser sempre portuguesa e sempre dos portuguezes?»

Não é, pela certa, o colega da «Folha» quem se aventura pela afirmativa.

De forma que, de duas uma: ou o redactor da *semana politica* é monarchico em principio; ou o é simplesmente por não gostar, como tantos outros, desta Republica.

Excluida a primeira hipotese, estamos caídos na segunda que define a atitude do nosso colega, tanto mais sendo ele a opinar: «um portuguez não pôde querer outra coisa que não seja o progresso e a completa autonomia e independencia de Portugal.»

«E' a Republica a negação do progresso; será com ela impossivel progredir? «E' a Republica incompatible com a autonomia e independencia patrias?»

Só em Republica—ripostamos—é possível todo o progresso, só com ela está garantida a autonomia e independencia patria.

O facto de não agrada *esta Republica*, sendo o desagradado resultante da discordancia com certos homens que a servem, não é caso para não se ser republicano.

«E' do progresso da patria que todo o bom portuguez deve cuidar? «Isto não vai bem, *esta Republica* não exprime as sinceras aspirações dos bons patriotas?»

Não vale o desespero, não é legitimo atentar contra o regime que em si, na sua essencia, vale todos os regimens monarchicos.

Venham todos os portuguezes para a Republica, integrem-se nela; e no campo legal, pelas urnas, pelo comicio, livro ou folheto, com *verdade e sem acrimonia*—critiquem erros, escarpelismos escandalos, e façam *desta Republica* outra Republica em que o povo seja a base, sem ser o oprimido, nem o escravo.

A atitude do colega da «Folha» resulta, pois, do equivooco em que se mantem, e consiste em acreditar que não pôde ser republicano o portuguez que unicamente aspira ao progresso e autonomia patria. A razão é até contraproducente.

Ora ai está o motivo porque, não levamos á paciencia a *talassico* do redactor da «*semana politica*», demais tratando-se de um portuguez de fina tempera.

Mas se ele assim o quere...

NEM MAIS NEM MENOS

Comentando a atitude do Directorio do Partido Republicano Portuguez a proposito da escolha dos deputados pelo Porto—diz a «*Alvorada*», de Guimarães:

«Proceder de maneira diversa seria, quanto a nós, cair naquela centralização perigosa, por anti-democratica, em que estagnavam os partidos do regimen passado, que trouxe como consequência o indifferentismo do eleitorado e a formação das coterias dos chamados «*politicos de officio*».

E' facto que para essa centralisação caminha-

mos a passos agigantados, como ainda há pouco se viu com o caso das comissões politicas de Barcelos.

Certos «*politicos de officio*» vindos da monarchia decidiram tomar de assalto o partido republicano, e seu dito, seu feito.

Cuidaram eles de se inscrever no cadastro do partido?

Qual o quê?! Conseguiram o desideratum por outro processo.

Obtiveram a demissão do administrador do concelho que era o presidente da comissão municipal politica e lhes contrariava os manejos, e fiseram-no substituir por outro que fizesse o jogo deles.

O governo sancionou o procedimento ilegal do governador civil, nomeou outro administrador sem a comissão ser ouvida, e porque em presença de tais factos as comissões politicas decidiram abster-se de colaborar na politica do governo—o directorio atira-lhes com a dissolução.

Será preciso outra prova para demonstrar que os caciques são quem manda?

PROCESSOS

Do «*Povo Beirão*», bi-semanario que se publica em Viseu, recortamos o seguinte trecho, em demasia edificante:

«O edital que abaixo se publica foi encontrado, impresso, com a assignatura falsificada do illustre Governador Civil, em casa do padre de Bassar, José d'Almeida Pereira.

EDITAL

O abaixo assinado, Governador Civil de Viseu, faz publico que, por ordem do governo da Republica, ficam desde hoje em diante fechadas todas as igrejas e capelas deste distrito, não sendo permitidas dentro ou fóra delas quaisquer cerimoniaes, actos ou festividades religiosas, como comunhões, missas, sermões, procissões, etc. sob pena de prisão para aqueles que tais festividades promoverem ou a elas assistirem.

E para constar se passa o presente para ser afixado ás portas das igrejas, capelas e mais logares do costume.

Viseu, 20 de Outubro de 1913.

O Governador Civil

João Teixeira de Queiróz Vaz Guedes»

O que a Republica não fáz porque respeita as crenças de qualquer, sendo indifferente a todas as confissões religiosas,—queriam eles que fizesse, para levantarem contra ela o odio das populações rurais e ignorantes.

Desorientados, especulando com a ignorancia—vá de inventar toda a casta de violencias e ultrajes de que só eles seriam capazes, se uma vez fossem poder.

Assim se fáz guerra á Republica, e d'est'arte se lucha.

Trabalho baldado que a Republica, apesar de muitos a comprometerem, é inabalavel.

OUTRA VEZ

Volta a «*Folha*», e agora q ere-nos parecer pela penna de outro redactor—a falar na base 8.ª da entente hispano-franco.

E' para notar, com grande estranhêza, a censuravel insistencia com que se recorda um assunto por completo esclarecido.

A reclamada base 8.ª de que certos jornais portuguezes tanto escarcéo fiseram—é uma invenção do correspondente do «*Daily Telegraph*».

O «*Diario Universal*» órgão do governo hespanhol desmentiu o facto categoricamente.

Não tem valor o desmentido? Tanto que acaba, há poucos dias, de ser ostensivamente perfilhado pelo conde da Romanones. Este illustre homem publico respondeu com o recorte do «*Diario Universal*» que bordára o assunto, a um seu compatriota, grande amigo de Portugal, que da capital do norte lhe escrevera justamente indignado.

E a chancalaria francesa tambem contestou a existencia da base 8.ª, o que foi tornado publico por todos os jornais portuguezes—republicanos é bem de ver.

Mas a «*Folha*», tem destas coisas: num ponto registrou o desmentido «com profunda alegria»; em outro volta a aludir á entente.

O que vale é que pelo dedo se conhece o gigante. Felizmente para o auctor da «*semana politica*»...

## A esquadra monarchica

Em tempos, fez furor o boato de disporem os rialistas duma grande esquadra, capaz de arrasar o paiz num minuto, que andava errante, matando o tempo até á hora oportuna, pelos mares, sob o comando de Azevedo Coutinho.

Que era falso. Que não era tal. E não juramos que não tenha havido apostas sobre o assunto. So as houve, o caso está resolvido: é indubitavel que os paladinos da monarchia dispunham duma esquadra: a policial da Boa Vista, de Lisboa, que foi atacar a do Caminho Novo...

# As coisas espantosas da nossa comissão municipal administrativa

O "Radical", continua a relembrar as gravíssimas acusações feitas à comissão que está a gerir o município de Barcelos

Parece que a sindicância determinada pelo governo... é meramente "espiritual",

Convém conservar beu viva a recordação das gravíssimas acusações, exteriorizadas por nós, e há muito já em poder da opinião pública, que determinaram a sindicância que o governo mandou fazer-se á nossa comissão municipal administrativa—porque ela a solicitasse, ou não, tanto monta.

E assim as repetimos hoje, e não nos cançaremos de as repetir sempre, enquanto o sr. sindicante não der por findos os seus trabalhos:

Dissemos nós, e pelo órgão da câmara foi confessado negando apenas a intenção criminosa:

que um empregado da câmara praticou irregularidades, que consistem no desvio de dinheiros municipais, sem que a vereação o punisse senão depois de trazido o caso a publico pelo "Radical", obrigando com esse manifesto desejo de «abafar» o caso a retirar-se das cadeiras municipais; que algumas das obrigações sorteadas em 1912 não foram resgatadas na época própria, sendo o sómente no corrente ano económico, após muitas e infructíferas idas á tesouraria, e depois do "Radical" denunciar o facto,

que aliás o órgão da câmara negava;

que dum livro de actas se arancaram várias folhas, substituindo-as por outras;

que a Câmara cobra na feira uma contribuição ilegal e arbitrária;

que a câmara dá aos dinheiros municipais destino diverso do consignado no orçamento; e que o actual orçamento consigna verbas fantasticas para obras que não se realizarão, por terem sido ilegalmente realizadas antes do ano económico a que o orçamento respeita.

Não sabemos por que forma ou processo se está fazendo a sindicância: o sr. Antonio Ribeiro, visto por aí uns escassos dias, desapareceu depois por muitos outros.

Que se saiba, não chegaram a ser ouvidos cavalheiros que, em face das nossas declarações, estavam e estão naturalmente indicados para serem ouvidos. A nós próprios, que acusamos, se não pergunta se dispunhamos para isso de quaisquer elementos.

Mas então o que significa isto? Pois será meramente «espiritual» a sindicância?

Esperemos, que se nos afigura muito termos que falar.

## A boa doutrina

Não são de qualquer mediocridade, as palavras que para este logar vamos trasladar, em reforço de uma opinião nossa que através de mil diatribes temos sustentado com a mais firme convicção.

Quem as proferiu num celebre discurso, em Toulouse, foi o grande estadista francês Poincaré que ocupa, com respeitável prestígio, o alto cargo de Presidente de Republica Francesa. E disse «que a laicisação do Estado era o contrario da soberania popular e a neutralidade da escola publica a garantia da liberdade de consciencia».

Há por aí quem barafuste desbragadamente contra a escola neutra em materia religiosa; e, o que é mais interessante, condenam-na em nome da liberdade de consciencia.

Que irrisão!

A educação religiosa tem um logar proprio onde deve ministrar-se — nos templos. Professando-se aí, não corre o risco de se ofenderem as crenças religiosas, ou não religiosas, de quem quer que seja. Ministrando-se na escola ha esse perigo, porque ella é tão frequentada por filhos de pais religiosos, como de ateus; e o Estado a todos deve protecção, garantindo-lhes o uso integral da sua liberdade de consciencia.

A Republica, portanto, fez obra eminentemente liberal declarando a neutralidade da escola publica. Desta forma todos educam os filhos como lhes aprouver. Aqueles que quiserem educar os religiososamente, mandam-nos á igreja; os que não quiserem, não tem de sujeitar-se a que na escola ministrem a seus filhos a doutrina que elles repudiam. E como aos paes pertence a educação dos filhos, esta é a boa doutrina.

E' bem certo que, com estas ligeiras considerações, não convencemos ninguém. Os fanaticos, aqueles que obcecados pela ideia religiosa a ponto de não verem claramente as coisas—esses continuam a barregar contra a neutralidade da escola publica. Os grandes liberaes!!

## Eleições

As listas

O «Diário do Governo» publicou na quarta-feira um decreto determinando:

1.º—As listas para todas as eleições terão a forma retangular e serão impressas, manuscritas ou litografadas em papel almasso branco, liso, não transparente e sem qualquer marca, sinal, designação ou numeração externa

2.º—As listas para as eleições municipais medirão 0<sup>m</sup>,30x0<sup>m</sup>,20.

3.º—As listas para as restantes eleições medirão 0<sup>m</sup>,02x0<sup>m</sup>,15.

## Cambaristas

Segundo corre, já se trabalha com todo o afan na confecção da lista camarária, ás proximas eleições.

Votinhos para cá e o lugar de vereador, pela certa.

Um dos instados achou pouco, e entrou de pedir qualquer coisa mais, como seja a mudança do caminho que atravessa uma propriedade sua para outro local, que nem é comodo nem útil á frequentação.

E foi-lhe feita a vontade. E o homem será feito *cambarista*—para maior gloria da Republica.

## Falta de espaço

Ainda hoje, por absoluta falta de espaço, retiramos bastante materia, alguma da qual já e o numero passado devia ter saído.

## NOVO DICCIONARIO PORTUGUES

Por J. A. Dias Pereira e José Pestana

Revisto e prefaciado pelo distinto professor do liceu sr. Jaime de Vasconcelos.

Editores: Costa & Carvalho — Porto

## Nos nossos assinantes

Tem decorrido muito morosa a cobrança do trimestre do nosso jornal findo em o n.º 54, isto é em 16 do mez de setembro.

A todos pedimos a fineza de satisfazerem os recibos respectivos, para que se não venha a dar o caso da accumulção de dois trimestres, visto que aquêl que decorre termina proximoamente, com o n.º 66.

E aquêlles que não desejem pagar, obsequiar-nos hão participando-o, para suspendermos o envio do «Radical».

## MONTE BANZAO

A melhor agua mineral do méza.

Depósito em Barcelos: H. Coelho Gonçalves & Fonseca.

# O "Radical" literario

## CARTA

A quadra melancólica do outono começa a desnudar a natureza; do ramo tomba a folha ao abandono

e a paisagem, de pálida beleza, enferma, tal como eu de amor enfermo, e cobre-se de luto e de tristeza.

A vida é pára mim frígido ermo, pois este meu amor suave e terno ninguém, ninguém, ninguém soube entender mo.

Sósinho, envolto em lutuoso inverno, venho chorar convêscio, arv'res saudosas! meu sofrer infinito, quasi eterno.

E tantíssimas lágrimas piedosas hei-de umilde verter-vos nas raizes que haveis de renovar, serdes viçosas.

Lágrimas minhas tristes, infelizes, folhas verdes sereis, sereis a esperança, de ter talvez, não sei, dias felizes.

Que sonho enganador, louca criança! a paz que á vida, outrora, o amor me trouxe um momento jámais minha alma alcança.

O' luso trovador de amor não fosse! pois não houve um só bardo lusitano gosando amor loução, fagueiro e doce.

O' de alma cégo e triste e ludo engano! eu, não pelo talento vasto, ingente, a Camóis, a Bocage e a mais me irmano,

mas sim na desventura que, potente, me prende a vida á dôr cruel e dura a vida torturando-me inclemente.

Teve Sadino Elmano a grã ventura de amar sua Marília e ser amado; ao português Homero um Ceufulgura:

Natercia seu amor e seu cuidado. Mutuamente se amaram de igual sorte se bem que, tristemente, adverso fado

na vida os não juntasse, só na morte. Porém mais infeliz do que elles sou pois amo com feroz, louco transporte

quem nunca amor igual me tributou.

Lisboa, 6-10.

João Maria Ferreira.

## A silenciosa

Quando os convidados se dirigiam para a sala onde ia servir-se a ceia, Helêna deslisou por traz de Angelo e disse-lhe ao ouvido:

—Está combinado. Regina esperará por mim para entrar. Temos duas horas deante de nós.

Aproveitando-se do ruído e da desordem, os dois jovens puderam sair sem ser notados. Uma noite de junho quente e abafada. A longa fila dos automoveis, que esperavam á porta do palacete, estendia-se pela Avenida fóra. Angelo aproximou-se dum deles, que um seu amigo tinha posto á sua disposição. Fez subir Helêna para ele e a carruagem afastou-se rapidamente, pela sombra da noite.

—Onde vamos?

—Não sei. Seguimos o Douro, pela sua margem. Que importa!

Angelo tinha tomado Helêna nos seus braços e, suavemente, beijava as suas faces palidas, o seu pescoço alvissimo, os seus espessos cabelos pretos. Ela não se movia, não dizia uma palavra, e, por vezes, um longo suspiro se lhe escapava dos labios.

De subito, Helêna premiu a corneta e fez parar.

—Desçamos um momento, disse ella; quero ver uma coisa.

—O quê?

—Uma phantasia. Tenho vontade de dar um passeio pela margem do rio.

Seguiram vagarosamente.

—Ha muito tempo, disse ella, que eu queria vir aqui, de noite. Agradeço te, Angelo, o obedeceres a todos os meus caprichos...

—E' que te amo, respondeu ele.

Ela affectou não ter ouvido.

—Angelo, continuou ella após um momento de silencio, tenho coisas graves a dizer-te. Muito graves, Angelo... Vou-me casar!...

Angelo recuou estupefacto, cheio de colera, de surpresa e de tristeza.

—Vaes-te casar, tu! Para quê?

—Para acabar com isto... Ha um ano que te conheço; ha um ano que nos vemos constantemente em casa um do outro, em casa dos nossos amigos. Mas não tenhamos illusões, tu não tens fortuna, e sabes como meus paes me educaram. Não tenho um dote e tenho um grande amor pelo luxo.

Tu tens um grande desejo de me desposar, compreendo. Sofremos ambos com esta situação irremediavel. Mas eu encontrei um meio de me poupar ao seu prolongamento doloroso e aproveito-o. E alem disso, não começas tu já a aborrecer-te de mim?

—Nunca, Helêna, nunca me aborrecerei de ti.

—Dizes isso porque me vaes perder! Sim, porque vaes ficar sem mim. Eu caso-me longe de aqui com um homem que me amará menos do que tu, talvez, mas que me proporcionará uma felicidade que contigo não lograria...

—Acredita que te não compreendo, Helêna... Não me amas, nunca me amaste; apenas vias em mim um objecto de distracção. Nunca consegui de ti uma palavra de ternura, de amor. Deante de mim ficavas sempre silenciosa, olhando-me com os teus grandes olhos cheios de tristeza e amargura. Hoje adivinho a causa do teu silencio. Não tinhas por mim affecto algum...

Helêna ouvia-o, silenciosa. Elle não podia ver

o seu rosto, mas adivinhava o palpar ançioso do seu coração.

Angelo continuou com calor:

—Foi uma illusão, Helêna. Não me amas, quando eu tanto te estremeço.

Houve uns momentos de lugubre silencio.

—Subamos, respondeu ella. Vi o que queria ver. Não é preciso esperar Regina, visto que ella deve ir encontrar-se comigo em casa de seus paes...

Entraram de novo no automovel. Seguiram em direcção ao palacio. A claridade de uma lampada electrica, Angelo surpreendeu nas faces de Helêna um traço brilhante:

—Choras, Helêna?

—Eu? Que creanças! E' a humidade, naturalmente...

Alguns dias depois do baile, Angelo! recebia da sua amiga uma carta polida e fria, em que ella lhe annunciara o seu casamento com o conde de M... grande banqueiro francês.

Nenhuma palavra comovida, nenhuma recordação do passado acompanhava esta noticia.

—Decididamente, eu não me tinha enganado, disse elle para consigo. Ella não tem coração!...

Não foi ao casamento. Pouco depois soube da partida de Helêna para a França, com o marido; não voltou a ver aquella mulher pela qual experimentou uma paixão tão louca e tão viva.

Teve outros amores, e cada qual mais sincero do que o precedente. Não se casou por preguiça e porque receiava arcar com as responsabilidades financeiras do lar. Decorreram onze anos. Os acasos da vida conduziram-no a Paris.

Lembrou-se de Helêna e pediu o seu endereço. Ela habitava um castelo a uma hora da capital francesa, onde seu esposo era muito conhecido, Angelo dirigiu-se ali em carruagem. Pelo caminho, perguntava a si mesmo se ella o receberia.

Helêna recebeu-o n'uma grande sala segundo imperio. Angelo olhou-a, muito comovido por voltar a vel-a. Estava mais bela, um pouco mais gorda, mas elle voltava a encontrar nos seus olhos o mesmo ar risonho e o mesmo brilho. Sentiu-se em breve á vontade e falou do passado. Ella dizia-se feliz, seu marido era bom, um tudo nada excêntrico; tinham uma filha...

—A sr.ª fez-me sofrer muito, disse-lhe elle, com um ar de indiferença. Mas a sr.ª não me amava!...

Ella teve um meio sorriso.

—Como o compreendeu?

—Nunca me falou de amor, nunca teve para mim um impeto de ternura.

—Ha almas que se mostram tão difficilmente!

—Quer dizer que me amou?

Ella tocou a campainha. Um criado appareceu.

—Diga á menina que me venha falar.

«Quero apresentar-lhe a minha filha, acrescentou. Esperei-a tres anos. Tinha medo de não chegar nunca a ter filhos. E' o ser que eu mais amo no mundo!

Uma pequenita magra, líria, esbelta, que se parecia com a mãe, entrou de repente, parando depois, surpreendida com a vista de um estranho.

Angelo pediu licença para a beijar:

—Como se chama, minha menina?

Ella hesitou.

—Vamos, diz o teu nome, ordenou Helêna fixando no seu antigo amigo os olhos negros e profundos, como se elle fosse encontrar n'essa resposta a que esperava.

Então a creança voltou-se para Angelo e disse suavemente:

—Chamo-me Angela, sr.

Adaptação livre de

ILDIO NUNES.

## EM FAMILICÃO

Vae realizar-se uma exposição industrial e agricola

O sr. dr. Nuno Simões, membro do sindicato promotor, conta ao "Seculo", como será feito o primeiro certamen regional, que se realizará n'aquella importante concelho do Minho

O «Seculo» publicou há dias uma entrevista dum dos seus redactores com o nosso presado amigo e talentoso colaborador, sr. dr. Nuno Simões, sobre o assunto indicado nas suas epigramas, que são as de acima. Tra-se de Famicão, o festilissimo e rico concelho minhoto, mas nem por isso deixa a iniciativa, que, na entrevista, o dr. Nuno Simões refer, os interesses igualmente ao nosso concelho, como a toda esta vasta região do minho, que na agricultura e só nella pode buscar e haurir novas energias de vida.

Assim a transcrevemos, e mais especialmente para vêr-se se lograremos a ventura de suprestar nos barcelenses um pouco de entusiasmo que os conduza a aproveitarem o utilissimo exemplo dos nossos vizinhos famelicenses, desde a fundação do sindicato, que tão excellentes serviços sabemos ter prestado á agricultura concelhia, até á realização ausenciada do grandioso e imponente certamen regional.

Segue, na integra, a entrevista incerta no «Seculo»:

N'uma entrevista ha dias publicada no Seculo, dizia-nos um lavrador que os sindicatos agricolas tinham, no nosso paiz, uma ação quasi invisivel, pelo nenhum interesse que lhes mereciam as coisas da nossa lavoura, ainda hoje vindo uma vida velha, hoje, quando todos os paizes, mesmo os paizes sem tra-

dições campezinhas, caminham em plena florescência agricola.

Se alguma justiça ha n'essas palavras, decerto que ela se não applica ao sindicato de Vila Nova de Famalicão, verdadeira creação patriótica da mais prospera de todas as vilas do Minho. De facto, o sindicato agricola famalicense muito tem feito em favor da terra, e, agora mesmo, sem descurar outros assuntos, trata essa entidade de preparar uma grande exposição industrial, commercial e agricola, que n'estes tres ramos da actividade local ha de exercer uma salutar influencia. O que é essa exposição e quaes as bases geraes da sua organização, vae dizel-o o sr. dr. Nuno Simões, um dos membros do sindicato.

O sr. dr. Nuno Simões é um moço advogado que, a esta hora, concluindo o seu curso, vae, com a sua carta de bacharel e o seu talento pujante de escritor, a caminho da terra onde nasceu, e a que dará toda a sua actividade e toda a sua intelligencia, illustrando-a, não apenas como jurista, que o será dos da mais rara estirpe, mas tambem como prosador, que o é já dos de mais puro e original estilo.

Ouçamos o que diz o moço advogado:

#### Famalicão é um dos concelhos mais ativos de toda a região portu-gueza

—Como v. terá visto—diz o sr. dr. Nuno Simões—todo o Minho demonstra uma grande e singular predileção pelas exposições regionaes, sendo de notar que em Braga e Guimarães, sobretudo, elas tem concorrido poderosamente para o desenvolvimento da vida local. Posto isto, nós temos que analisar a importancia industrial e agricola de Famalicão, situada n'um ponto da provincia que lhe dá prerogativas de fornecedora de grande numero de localidades. De facto, Vila Nova de Famalicão, sem tradições de favoritismo ou benemerencia do Estado, constitue um dos concelhos mais importantes do paiz, quer sob o ponto de vista da agricultura, quer estudando-o na sua vida industrial. As suas fabricas e a sua lavoura e até mesmo a sua população, que administrativamente lhe dá a designação de concelho de primeira ordem, impuzeram-no como um centro ativo, irradiador de varios produtos, não apenas para as localidades concelhias, mas até para os centros de maior população e de categoria superior.

«Veja v., por exemplo, a industria de relojoaria: Famalicão tem a honra de possuir a unica fabrica de relógios de meza que ha na península. E' a «Boa Reguladora», que está belamente montada e produz excelentes trabalhos, hoje espalhados em todo o paiz e na Hespanha. A «Boa Reguladora» tem ainda anexas secções da moagem, serraria e marcenaria, o que atesta a enorme actividade de uma empreza cheia de espirito de iniciativa.

A «Central do Minho», outra fabrica importantissima de serraria e marcenaria, com instalações excelentes e situada proximo da estação do caminho de ferro. Na sede da vila tem ainda v. a Tipografia Minerva, conhecida em todo o paiz pelos seus trabalhos audaciosos, que occupa já hoje edificio seu, com um efectivo operario superior a 60 homens.

«Mas não é apenas a vila, sede do concelho, que trabalha e concebe; em Nine inaugurou-se ha pouco tempo uma importantissima fabrica de serraria; em Vermoim, na estrada de Guimarães, outra fabrica de serraria se montou ha alguns mezes, por iniciativa de alguns proprietarios famelicenses dos mais abastados.

«Ha ainda em Ribeirão a mais importante fabrica de amido do paiz; Riba-d'Ave e Bairro possuem grandes fabricas de tecidos e fição. Tambem as industrias domesticas tem ali o seu culto e então v. encontra-se principalmente em Landim e Avides, na estrada de Santo Tirso, e melhor ainda no Louro, na estrada de Barcelos.

«Sob o ponto de vista do commercio e além do movimento correspondente á sua vida industrial, conta Famalicão casas importantissimas, como o Centro Industrial do Minho e Guilherme Fohadela & C., fornecedores de toda a provincia. Agora mesmo acaba de tomar posse do seu novo edificio, levantado no ponto mais central da vila, a casa bancaria Brandão Gomes & C.

«Quanto ao sindicato, é hoje um agente poderosissimo da venda de alfaias agricolas e propagação de productos quimicos, e á sua ação se deve que muitos proprietarios, lavradores e viticulto-

res tenham feito empregar no cultivo das suas terras os novissimos processos.

«Finalmente, *A Lavoura do Minho*, jornal local, que todos os mezes apresenta novas e brilhantes experiencias, para ensinamento dos lavradores. Por tudo isto vê v. quanta razão tem o Sindicato Agricola de Famalicão em promover a primeira exposição local...

#### A' primeira exposição do concelho concorrerão todas as casas produtoras da região

Antes de falar da exposição, o sr. dr. Nuno Simões dedicada ainda algumas palavras acerca do commercio de exportação, dizendo:

—Falando-lhe da importancia industrial agricola de Vila Nova de Famalicão, eu não quero esquecer que o concelho exporta grande quantidade de vinho, que é ali magnifico e se destina sobretudo á Africa e ao Brazil. A Hespanha leva tambem d'aí milhares de galinhas, que manda buscar aos mercados semanais.

«Quanto á exposição...

—E' verdade, a exposição...

—Não a conheço senão nos seus traços geraes, por isso fugirei a minucias, que são, para o caso, desnecessarias. E' claro, que nessa *étalage* brilhante figurarão todos os productos regionaes agricolas, assim como exemplares industriaes. A propria paizagem se reproduzirá em belos quadros de um pitoresco adoravel, assim como terá larga representação toda a industria domestica, demonstrada nos varios ramos.

«A exposição far-se-ha num vasto largo fronteiro á camara municipal, oude, durante oito dias, a curiosidade dos visitantes encontrara reconstituída com toda a verdade a vida activa e cheia de características das nossas fabricas e dos nossos campos.

«Escuso dizer-lhe que todas as casas produtoras de Famalicão, qualquer que seja a sua indole, aceitaram com entusiasmo o pensamento desse vasto certamen e se operam milagres de esforço para que ele dê da vida minhota uma larga ideia.

«Emfim—conclue o sr. dr. Nuno Simões—Portugal resurge lentamente, mas brilhantemente, dos seus longos anos de imobilidade, e o Minho não será, com vaidade o digo, das provincias que mais se demorarão em efetivar, por si, essa marcha para um futuro de riqueza e prestigio...

Entusiasticamente, com a vivacidade dos minhotos. o sr. dr. Nuno Simões visiona a sua terra marcando uma *étape* de rejuvenescimento, para, de triumpho em triumpho, realizar uma *étape* nova e mais outra e outra. E eu, que sou minhoto tambem, e que na vida lisboeta afogo em movimento, em febre, em vicio, a saudade da minha terra, eu revivo por momentos os dias aldeãos distantes, com o cenario verde das arvores e o cheiros frescos da encosta latejante sob a violencia do sol; e, como ele, eu gostaria de vêr Portugal rejuvenescido, naddando num mar de ouro e, minhoto tambem, teria gloria em dizer, amanhã, que foi no Minho que se iniciou a renascença—o minho, a região portugueza por excelencia, pela sua historia, pelos seus costumes, pelos seus cultos no lar, no amor, na fé, na devoção...

## OS MORTOS

### D. Margarida Terrôso

Na tarde de sexta-feira ultima, finou-se, após um prolongado sofrimento, a sr.ª D. Margarida Augusta Fernandes de Barbosa Terrôso, esposa muito estremecida do sr. João José dos Santos Terrôso.

Há mezes já que guardava o leito e o seu estado de saude era considerado de extrema gravidade, comquanto ultimamente obtivesse, a ares de campo, fugidias melhoras.

Mas cuidados familiares e dedicações dos clinicos de nada valeram, e o mal que torturava a bondosa senhora agravou-se de dia para dia.

Os seus funerais realisaram-se pelas 17 horas de domingo, saindo o prestito funebre da igreja do Senhor da Cruz.

Foram organizados dois turnos ás borlas; o primeiro pelos snrs. José Claudio Pereira Baltazar, José Casimiro Alves Monteiro, Manoel Cardoso de Albuquerque, dr. Joaquim Gualberto de Sá Carneiro e dr. José Marques Barbosa

dos Reis Maia e o segundo pelos snrs. Francisco Machado Carmôna, dr. Antonio Cardoso e Silva, dr. Miguel Fonseca, Secundino Pereira Estêves e outros.

A chave do caixão foi confiada ao sr. dr. Augusto Casimiro Alves Monteiro.

Apesar do tempo chuvoso, o funeral foi muitissimo concorrido.

### Em S. Salvador do Campo

Na freguezia de S. Salvadôr do Campo, faleceu na passada quarta-feira, com 71 anos de idade, o importante proprietario sr. Teotónio Duarte Pinheiro, tio do nosso amigo dr. José Duarte Pinheiro.

Os seus funerais tiveram logar na quinta-feira, com larga assistencia.

### Em Moure

Em Moure, tambem faleceu o pároco da freguesia sr. padre José Gomes

Ferreira, muito conhecido nesta vila pelo seu espirito demandista.

### Em Barcelinhos

Na passada quarta-feira, tambem faleceu em Barcelinhos, com 21 anos de idade a sr.ª Elvira Salgado, casada com o artista marceneiro sr. João Salgado.

A todas as familias enlutadas enviamos a expressão do nosso sincero pesar.

### Em Palme

Com oitenta e oito anos de idade, finou-se ontem na freguezia de Palme, a sr.ª Maria de Souza, mãe do antigo vereador municipal sr. Manoel José de Sá e Souza.

A todos os enlutados, entre os quais se conta o nosso amigo sr. Conego Manoel José de Souza, que muito especializamos, apresentamos as nossas sentidas condolencias.

## BARCELOS por DENTRO

### VIDA MUNDANA

#### Fazem anos:

Hôje - a sr.ª D. Maria do Carmo Vieira Ramos.

Dia 30 - os snrs. dr. Antonio da Costa Almeida Ferraz e Domingos Beleza de Almeida Ferraz.

Dia 3 - o sr. Manoel de Faria.

#### Estiveram:

No Porto - as sr.ªs D. Roza Roriz de Azevedo, D. Ema Roriz de Azevedo, D. Maria do Sacramento Sá Carneiro, D. Amelia Sá Carneiro e os snrs. Luiz Ferraz, Antonio Roriz de Azevedo e esposa, João Beleza, Alberto Estêves, Engenio e Eliseu Azevedo.

Em Barcelos - os snrs. Manoel Ferreira Moutinho e esposa, Felix Soto-Maior e dr. Antonio Ferreira Loureiro.

#### Enfermos:

Tem estado gravemente enfermo o sr. José Machado Carmôna Salter de Mendonça e esposa. — Tem passado incomodado de saúde o nosso presado amigo sr. Artur Roriz Pereira.

#### Pequenas notas:

Estêve no Porto o sr. Domingos de Figueiredo.

—Regressou a Felgueiras o sr. Eduardo Martins da Costa e esposa.

—Já se encontra nesta vila o sr. Henrique Pereira da Costa.

—Vindo de S. Pedro de Alvito, já se encontra em Barcelos a familia Cardoso de Albuquerque.

—Regressou da sua quinta de Galegos o sr. Manoel Joaquim Coelho Gonçalves e familia.

—Retirou para Madride, com seus interessantes filhinhos, a esposa do sr. dr. Joaquim Pais de Vilas-Boas.

—Regressou a esta vila, das suas propriedades de Milhazes, a sr. D. Irene de Lima Garrido.

### Domingos Ferreira

Estêve há dias no Porto o nosso bom amigo e brilhante colaborador sr. Domingos Ferreira.

### «O Espozendense»

Entrou no 28.º ano de publicação, este semanario que se publica na visinha vila de Espozende.

Os nossos cumprimentos.

### Enfermeiro do hospital

Foi auctorizada pelo Govêrno a mêsada da Misericordia a pôr a concurso o logar de enfermeiro do hospital.

### Escola a concurso

Acha-se a concurso peto espaço de 15 dias a escola do sexo masculino da freguezia do Perilhal, dêste concelho.

### Exames

Fez na semana passada actos de Processo especial e de Pratica extra-judicial, do curso de direito, o nosso presado amigo e distinto quintanista dr. João Carlos de Figueiredo.

As nossas felicitações.

—Com uma magnifica classificação, fez ha dias exame de admissão á Escola Normal de Braga a sr.ª D. Maria Augusta Vieira, filha muito gentil do nosso amigo sr. Augusto Vieira.

Os nossos parabens.

### Escrivão-ajudante

Foi nomeado ajudante do escrivão sr. Manoel Cardoso de Albuquerque o sr. José Vaz de Oliveira Junior.

Os nossos cumprimentos.

### Abalo de terra

Por volta das quatro e meia da madrugada de ontem, 3.ª feira, sentiu-se nesta vila um violento abalo sismico, que durou alguns segundos.

### Arrombamento

Na noite de domingo para ontem, os gatunos entraram, por meio de arrombamento, na padaria instalada nos bairros da casa habitada pelo sr. Joaquim Matos, ao Campo da Republica. O dono da padaria encontra-se em Hespanha. Como se vai vendo, os ratoneiros andam desenfreados.

¿Que faz a autoridade?

### Dr. Cardoso de Albuquerque

Esteve hoje no Porto o nosso illustre amigo, presidente da comissão municipal do partido republicano, sr. dr. Cardoso de Albuquerque.

## ANUNCIOS

### Regimento d'Infantaria n.º 8

3.º Batalhão

### ANUNCIO

O conselho eventual do referido batalhão faz publico que não tendo ninguem comparecido á arrematação dos concertos no calçado para as praças deste batalhão pelo prazo de um ano que principiará em 1 de Janeiro de 1914 e terminará no dia 31 de Dezembro do mesmo ano, conforme tinha sido annunciada para o dia de hoje, que terá logar nova arrematação para o mesmo fim no proximo dia 8 de Novembro pelas 13 horas.

O caderno de encargos achase patente todos os dias uteis na Secretaria do já citado conselho.

Os concorrentes farão acompanhar as suas propostas da quantia de 15\$00 como caução provisoria.

Quartel em Barcelos, 25 d'Outubro de 1913.

O Secretario do conselho eventual,

José de Marcelos Sampaio,

# CASA IDEAL

De *Elyseu Azevedo*

Rua D. Antonio Barrozo -- BARCELLOS

Este estabelecimento é o que mais variedades apresenta.  
Exclusivo n'este Paiz da Luz Ideal, a melhor e a mais barata até hoje conhecida.  
Grande deposito de bicycletas e motocycletas.  
Machinas de costura de diferentes autores e a preços sem competencia.  
Sortido completo em accessorios para bicycletas.  
Papellaria e objectos de escriptorio. Typographia e encadernação.  
Machinas de escrevêr.  
Gramophones Odeon e sempre discos novos.  
Gasolina e oleo. Tabacos. Instalações electricas. Armonicos, etc., etc.

VENDAS A PRESTAÇÕES MENSUAES E SEMANAES

## ALIANÇA MADEIRENSE COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1891

Capital social Rs. 300:000\$000  
Capital realizado e fundo de reserva Rs. 105:000\$000

Efêtua seguros contra incendio em prédios, mobílias, estabelecimentos, searas e agricolas em geral.

Agencia em Barcelos

**H. COELHO GONÇALVES & FONSECA**

CAMPO da FEIRA, 63

DEPOSITO DE MATERIAES PARA CONSTRUÇÃO

H. Coelho Gonçalves & Fonseca

Campo da Republica (Antigo Campo da Feira) — BARCELLOS

Sempre em deposito:

Telhas tipos — Marselha, Francez e outras.

Tijolos para fornos. Tijolos silico-calcarios, para construcções de chalets, tapamentos, vedações, etc.

Tubos de grez em todos os diametros, cimento. Azulejos, mosaicos, bacias para sentinas. Louza para telhados, ciras, soccos e cabeceiras para campas.

Depositos de louza para agua e fossas Moura. Botijas para engarrafar vinho.

Deposito de bicycletas para venda e aluguer.

Nin quem compre qua'quer destes artigos sem visitar este Armazem.

**Modicidade de preços.**

COMPANHIA DE SEGUROS

## FRATERNIDADE

(Fundada em 1897)

Capital Nominal 200:000\$000

Capital Realizado 20:000\$000

Auctorizada ao exercicio da industria, por portaria de 30 de janeiro de 1908 e despacho do Ex.<sup>mo</sup> Ministro das Finanças em 21 do mesmo mez.

**SÉDE EM BRAGA**

Esta companhia effectua seguros terrestres em todas as localidades do paiz.

Agente em Barcellos: **Miguel Martinho de Faria**

RUA D. ANTONIO BARROSO

CENTRO de NOVIDADES

Papelaria, livraria e tipografia

**FERNANDO MIRANDA**

136, Rua D. Antonio Barroso, 140 — BARCELLOS

Além d'um completo sortido de artigos de papelaria e livraria, encontra-se o seguinte: chá especial, chocolate e cacau, farinha Nestlé e outras, cordas para instrumentos, sabonetes, perfumes, miudezas, tabacos, loterias e postaes illustrados, etc.

Imprimem-se cartões de visita, facturas, enveloppes, cartas, memoranduns

Casa editora da nova colecção de postaes de Barcellos.

A LUZ "IDEAL,"

é a melhor de todas  
até hoje conhecidas

**A mais brilhante, a mais clara, a mais  
bela, a mais higiénica e a mais barata.**

**SEM CHEIRO E SEM FUMO**

**E' o sistema mais aperfeiçoado de  
luz por gazolina e pressão de ar.**

Exclusivo para Portugal e colónias

"CASA IDEAL," de Elyseu Azevedo BARCELLOS

## MERCARIA 1.º DE DEZEMBRO

DE

Sebastião Pereira de Brito

Rua Infante D. Henrique, 27 e 29 — BARCELLOS

N'este estabelecimento, no seu genero, o mais bem montado, encontra-se á venda, chá, café, arroz, assucar, bacalhau. Azeites e massas de superior qualidade

Deposito da Companhia Velha do Alto Douro. Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Pova. Louças e vidros. Artigos de papelaria e escriptorio.

**Tudo superior qualidade e preços modicos**

## FARMACIA MODERNA

DE

**João Pacheco Leite**

Rua D. Antonio Barroso -- BARCELLOS

N'esta conhecida e bem montada farmacia onde se encontra sempre um esmeradissimo sortido de especialidades farmaceuticas, tanto nacionaes como estrangeiras, aguas mineraes de Melgao e Vidago etc., ha á venda além de muitos outros artigos: Termometros, seringas dos mais reputados autores, esponjas, irrigadores e inaladôres.

Tambem se encontra n'este estabelecimento o — **Ferro molmetilarsinico** — excelente tonico muito util na anemia, clorose e sempre que o organismo necessita um reconstituente inergico.

— **Purgina** — pequenas pastilhas aromaticas, o purgante ideal, muito agradavel e de grande vantagem por não exigir dieta alguma e sendo de efeitos seguros

— **Oleo Santiago** — o puro deo de bacalhau, o mais bem aceite por todos os estomagos ainda os mais debeis.

— **Oleo aromatico** — unico remedio até hoje conhecido para impedir a queda do cabelo e fazer desaparecer a caspa.

Aviam-se, com todo o escripto. receitas a toda a hora do dia e da noite.